

**BOUTERWEK E SISMONDI:
A LITERATURA BRASILEIRA
NA HISTORIOGRAFIA EUROPÉIA***

Maria Eunice Moreira

PUCRS

A América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo.

Ferdinand Denis

Durante o período colonial, não se registram estudos sobre a literatura no Brasil. A única exceção é o texto de Nuno Marques Pereira, *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, datado de 1728. No capítulo quinto da obra, quando o Peregrino encontra a musa da poesia, refere-se aos poetas do "nosso Estado do Brasil", representados pelos naturais da cidade da Bahia e recôncavo. Segundo o autor, são dignos de nota: Pe. Antônio Vieira, Bernardo Vieira Ravasco, Eusébio de Mattos, Gregório de Mattos, Manoel Botelho de Oliveira, Gabriel Vieira, Francisco Pinto, entre os falecidos, e Sebastião da Rocha Pitta, João de Brito Lima, Manuel de Medeiros, Manuel Teixeira de Mendonça e Francisco da Costa Carqueja, entre os atuais.

Os autores nascidos no Brasil somente voltariam a ser mencionados nos anos iniciais do século XIX quando apareceram, na Europa, duas importantes histórias da literatura ocidental. Em *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit*(1), de Friedrich Bouterwek, publicada em 1805, e *De la littérature du Midi de l'Europe*(2), de Simonde de Sismondi, lançada em 1813, relaciona-se a produção literária de naturais da colônia ultramarina portuguesa.

* Este artigo constitui parte da Tese de Doutorado intitulada "Nacionalidade e originalidade: a formação da literatura brasileira no pensamento crítico do Romantismo", apresentada à PUCRS, em 1989.

Pioneiros da historiografia da literatura europeia, esses estrangeiros não tiveram repercussão imediata no Brasil. Antes deles, os intelectuais brasileiros conheceram outros autores europeus — Ferdinand Denis e Almeida Garrett — cujas obras, respectivamente, *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal*(3) e *Parnaso lusitano* ou poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos(4)", ambas de 1826, marcaram a geração romântica, vindo a desempenhar um papel singular na configuração da literatura do Brasil.

FRIEDRICH BOUTERWEK

O livro *Geschichte der portugiesischen Poesie und Beredsamkeit*, quarto tomo da série *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*, apresenta, pela primeira vez, a história da literatura portuguesa, ao lado de outra, a espanhola. Traduzido imediatamente para o francês, o inglês e o espanhol, ele não teria a mesma repercussão em Portugal que, somente em 1812, viria a conhecer a obra do professor de Goettingen através de sua versão francesa.

Ao tratar da poesia portuguesa, Bouterwek abre espaço para dois autores nascidos no Brasil: o primeiro, Antônio José da Silva, apenas identificado por Judeu, é autor de peças de caráter extremamente popular, onde o elemento bufão alterna-se com aventuras extravagantes, árias e cantorias triviais, numa adaptação do teatro cômico ao fausto da ópera italiana. Ao segundo, Cláudio Manuel da Costa, cabe posição mais distinta, pois é o responsável pela introdução de um estilo nobre na poesia portuguesa, após a decadência experimentada durante o domínio espanhol.

Para analisar esses aspectos, Bouterwek traça um reduzido panorama da vida intelectual de Lisboa, na primeira metade do século XVIII, registrando a aceitação da ópera italiana, não só pelo público, mas pelas classes cultas e a própria corte lisboeta.

Distintamente do teatro espanhol que continua a propugnar pela nacionalização do gênero italiano, em Portugal tenta-se a nacionalização da ópera, associando-a a uma espécie de teatro cômico. O produto resultante, segundo o crítico, é "um estranho tipo de comédias híbridas, semi-muscadas, compostas em língua portuguesa"(5).

Apresentadas principalmente entre 1730 e 1740, para atender à iniciativa de um diretor de teatro que deseja divertir o público com alguma novidade, as peças são encomendadas a um poeta desconhecido, mas com rara habilidade para o cômico. O autor, que prefere o anonimato, satisfaz-se em ser reconhecido pela alcunha que o consagrou — o Judeu. Seus textos, escritos à mão, passam a ser disputados pelos portugueses que, com eles, se divertem em casa. Segundo relata Bouterwek, "com essas cópias manuscritas, se fizeram coletâneas impressas, que foram muito procuradas"(6).

Entre as óperas cômicas, como são popularmente chamadas, duas em especial detêm a preferência dos assistentes: *Dom Quixote* e *Esopaida ou vida de Esopo*. A primeira, com um elenco de trinta e seis personagens, compila a obra de Cervantes, mas é pouco comentada pelo crítico. A segunda merece maiores referências: Zeno e Xanto são dois filósofos que se distinguem de Esopo pelo tom chistoso a que esse recorre. Empregando uma profusão de tambores e flautas para estimular o caráter popular do texto, a ação tem por local, além de Atenas, o acampamento de Crespo, e parques, onde se erguem estátuas, apresentadas à platéia. O tom irônico e vulgar da peça é reforçado pelas intermináveis farsas de Esopo, galgado ao posto de herói do dia.

Ao revelar a preferência portuguesa por "peças teatrais dessa natureza"(7), como depreciativamente grifa, o crítico deseja ressaltar a falta de recursos do público para a compreensão de procedimentos estéticos mais apurados. Se se considerar que, em 1787, novas edições da *Esopaida* saíam do prelo, a renovação estética não poderia se dar a partir do teatro. Essa remodelação seria propiciada pelo contato da lírica portuguesa com a italiana, atribuindo Bouterwek um papel pioneiro a Cláudio Manuel da Costa:

Um dos primeiros que voltaram a introduzir um estilo mais nobre na poesia portuguesa (após a decadência experimentada sob o domínio espanhol) foi o brasileiro Cláudio Manuel da Costa(8).

Estudante em Coimbra, o poeta mineiro conhece e passa a imitar os italianos mais antigos, especialmente Petrarca, embora outra característica lhe seja atribuída:

O estilo de seus sonetos, que quase todos celebram o amor, não é exatamente o de Petrarca. O autor tem algo de *picante*, em correspondência com o gosto da época(9).

Esse mesmo tom, que levava o crítico a encontrar nas comédias um efeito extravagante, não constitui um defeito, na poesia, pois Bouterwek afirma que

(...) tais sonetos podem ser considerados os mais perfeitos da literatura portuguesa(10).

Valorizando os sonetos sobre as demais realizações poéticas de Cláudio Manuel, o crítico não deixa de considerar as demais composições. Nos epicédios, encontra algumas qualidades, como nobreza, naturalidade e beleza de expressão; nas éclogas, reconhece algumas passagens excelentes; nas canções e cantatas, tidas como imitações magistrais dos poemas italianos, observa a amplificação do tema predileto, considerando-as insuperáveis.

A *História da poesia e da eloquência portuguesa* encerra admitindo apenas dois autores nascidos no Brasil: Antônio José da Silva, o Judeu, e Cláudio Manuel da Costa, cuja posição de destaque na literatura portuguesa é reafirmada pelo crítico ao longo do texto. Ainda que apresentado como mineiro e brasileiro, o poeta é parte integrante do patrimônio literário de Portugal, sem que os gentílicos denotem qualquer conotação distinta. A razão é óbvia: ligada à metrópole por laços políticos, a colônia brasileira não configura uma identidade, impedindo o registro de uma literatura separada da matriz.

Ao despertar a atenção para a literatura portuguesa no contexto europeu, o texto de Friedrich Bouterwek logo alcançaria seguidores: Simonde de Sismondi também incluirá autores naturais do Brasil no acervo lusitano.

SIMONDE DE SIMONDI

Em 1813, quando publica *De la littérature du Midi de l'Europe*, audacioso projeto de quatro volumes cujo último tomo é dedicado à literatura portuguesa, Simonde de Sismondi considera os escritores

naturais da Ilha da Madeira e do Brasil como integrantes da literatura de Portugal.

De formação distinta da de seu antecessor, Friedrich Bouterwek, Sismondi dedica-se ao estudo dos fenômenos literários sob uma perspectiva globalizante e historicista, em consequência de sua educação. Estudioso dos problemas econômicos e interessado pela organização e funcionamento institucional dos povos, com dois livros publicados sobre Economia, acaba por se aproximar do grupo de Coppet e de Madame de Staël com os quais firma seu interesse pela literatura.

Canalizando essa visão para os estudos literários, parece justo o interesse do historiador pela produção das colônias portuguesas:

Desde o século XVII, as colônias portuguesas acrescentaram alguns poetas ao número dos que haviam nascido na antiga Lusitânia(11).

O levantamento desses escritores, que se inicia pela Ilha da Madeira, estende-se ao Brasil, uma vez que "a nação jovem, que provavelmente herdará apenas o gênio dos antigos portugueses, começou já a crescer e elevar-se além dos mares"(12). Na distante possessão ultramarina, Sismondi encontra três poetas cujas obras são por ele analisadas como pertencentes à literatura de Portugal: Antônio José da Silva, o Judeu, Cláudio Manuel da Costa e Manuel Inácio da Silva Alvarenga.

As observações do genebrino são muito semelhantes às apresentadas por Bouterwek. A respeito do Judeu, invoca os fatos já conhecidos que o colocaram em cena em Lisboa e a pública acolhida de seus textos por parte da sociedade lisboeta do século XVIII, apenas acrescentando as circunstâncias da morte do poeta, queimado por ordem da Inquisição.

Em Cláudio Manuel da Costa também observa a superioridade da realização poética:

O novo império dos Portugueses, aquele sobre o qual repousam, doravante, todas as suas esperanças de independência e de grandeza futura, começou por sua vez a cultivar as letras, e produziu neste século um homem superior na poesia lírica, Cláudio Manuel da Costa, natural da circunscrição das Minas Gerais, Brasil(13).

Contudo, os críticos se diferenciam ao examinar a obra do poeta mineiro. Enquanto Bouterwek salienta Cláudio como renovador da poesia lusitana, firmando seu juízo sobre componentes de natureza estética, Sismondi valoriza-o por um fator de ordem histórica — o desenvolvimento da nação propicia o aparecimento de um novo expoente da poesia lírica.

A inclinação pelas questões históricas deveria aguçar o interesse e a imaginação do estudioso pelo continente americano. Talvez por isso, ao examinar os textos de Silva Alvarenga, não valoriza os poemas relativos aos amores e à morte de Glaura, encontrando a melhor expressão do poeta em outro aspecto:

Ao cabo de tudo, o principal atrativo desses poemas é ainda a sua cor local, as imagens sugeridas pelas árvores, pelas borboletas, pelas serpentes da América; ou o convite para mitigar os calores de dezembro nas frescas ondas de um regato. Lendo os primeiros poemas escritos em regiões tão afastadas de nós, pensamos mais no que eles nos prometem do que no que efetivamente nos dão(14).

A imaginação de Sismondi sobre a natureza americana não se esgota nessa passagem. A conclusão de seu estudo retoma esse aspecto, através de uma perspectiva idealizada:

No mais aprazível dos climas e no mais rico dos solos, fundaram (os Portugueses) uma colônia que ultrapassa doze vezes a superfície da antiga mãe-pátria; para lá transportaram hoje a sede de seu governo, sua marinha e seu exército; acontecimentos de todo imprevisos conferem à nação outra juventude e novas energias; e não estarão próximos os tempos em que o império do Brasil venha a produzir, em língua portuguesa, dignos sucessores de Camões?(15)

A pergunta tem seu fundamento histórico: no momento, Portugal vive os ataques da invasão napoleônica e a transferência da sede da monarquia para o Brasil acarreta mudanças de ordem cultural, que repercutem na literatura. Essas circunstâncias poderão levar à ampliação e valorização do patrimônio literário da metrópole, uma vez que ele engloba as obras dos poetas americanos.

Nesse sentido, o estudo de Sismondi revela uma grande afinidade com as idéias já expostas pelo professor alemão: Bouterwek menciona

como pertencentes à literatura portuguesa dois representantes da colônia ultramarina — Antônio José da Silva e Cláudio Manuel da Costa; Sismondi acrescenta apenas o nome de Silva Alvarenga, não constante na obra do primeiro. Bouterwek destaca a obra poética de Cláudio, sendo referendado por seu seguidor que, dentre os brasileiros nomeados, distingue o poeta das Minas Gerais; ambos, enfim, incorporam os poetas nascidos no Brasil ao acervo da metrópole.

Coincidentes em muitos pontos, em ao menos dois aspectos Sismondi amplia a perspectiva de seu antecessor. O primeiro diz respeito a sua atenção para com a natureza brasileira. Ainda que a veja de uma forma idealizada, talvez por falta de conhecimento direto da realidade americana (Sismondi nunca esteve no Brasil), pode-se constatar em suas formulações que seu uso confere uma qualidade específica ao texto literário. Os poemas que a exploram passam a ter um atrativo: a cor local. É importante notar que, ao se referir a essa característica, Sismondi não tem em mente o sentido que, mais tarde, lhe atribuirão os românticos, entendendo-a como um elemento de distinção da nacionalidade.

O segundo aspecto refere-se à preocupação do autor em situar as letras do Brasil no quadro dos acontecimentos políticos contemporâneos ao seu estudo. A época de agitação, motivada pela transferência da Corte, não passa despercebida a Sismondi que prevê consequências à vida da colônia. Nesse sentido, o estudioso suíço demonstra uma consciência em relação às questões sociais de sua época, que seria observada, anos depois, em outro ensaísta europeu, Ferdinand Denis.

Em conjunto, constata-se uma significativa unidade de pensamento entre Bouterwek e Sismondi, afirmada não só pelo elenco dos autores constantes em suas obras, como pela valorização estética dispensada a eles. Isso não poderia ser diferente: o próprio Sismondi reconheceria, nos anos seguintes, que o professor alemão havia "sido o seu único guia para a literatura portuguesa"(16).

C. SCHLICHTHORST

Poucos anos depois da publicação dos estudos de Denis e Garrett, quando interessa mais ao Império os problemas políticos que os cultu-

rais, D. Pedro manda contratar na Europa colonos e soldados. Desses contingentes, alguns europeus aqui se fixaram e outros, retornando ao Velho Continente, lá registraram suas impressões sobre o Brasil.

Entre os aventureiros, figura um jovem alemão que decide vir para o país em busca de fortuna e acaba levando material para a publicação de uma obra que intitularia *Rio de Janeiro wie es ist* (O Rio de Janeiro como é)(17), lançada em Hanover, em 1829. No livro, sintomaticamente subintitulado "Uma vez e nunca mais", Schlichthorst dedica o último capítulo à literatura brasileira.

Ainda que tenha permanecido entre nós apenas dois anos, o jovem prussiano foi capaz de, num pequeno ensaio, expor idéias claras e objetivas sobre a produção literária em circulação no país. Suas considerações versam sobre o meio social onde vivem os escritores e o estilo literário por eles empregado, resultando numa abordagem com certa conotação sociológica.

Estruturado em torno de dois blocos, o estudo comenta primeiramente o cenário da terra, a determinação mesológica e a composição racial peculiar do território, influenciadoras da expressão poética, para depois, na segunda parte, mencionar autores e obras representativos da literatura.

Ao abrir esse elenco, refere-se àqueles que trataram quase exclusivamente da história brasileira, relatando suas aventuras e expedições.

Entre os literatos, começa por Santa Rita Durão, com *Caramuru*, reconhece a consagração do poema na Europa e enuncia seus méritos: o aproveitamento do ambiente e o contraste entre o modo de pensar dos descobridores em confronto com o dos aborígenes. Do poeta Dias da Cruz destaca um poema de suas *Metamorfoses brasileiras*, que tematiza um episódio de amor entre dois indígenas. Análise mais atenta dispensa a *O Uruguai*, de Basílio da Gama, norteando-a pelo fato histórico que constitui o cerne do texto. Cláudio Manuel da Costa, outro poeta anotado, é identificado como Manuel da Costa e apresentado como irmão de Gonzaga. A breve referência sobre ele aponta a influência italiana de suas composições, embora julgue seus sentimentos, descrições e imagens como nacionais. Ao situar Gonzaga, Schlichthorst refere-se a ele como Gonzaga da Costa, ressaltando a sua popularidade como escritor. Dono de uma linguagem melódica e criador de versos harmoniosos próprios para o canto,

Gonzaga possui "qualidades sem as quais nenhum poeta brasileiro poderá ter êxito"(18).

A leitura do ensaio de Schlichthorst não apresenta novidades em relação aos textos dos demais estudiosos europeus. Entre eles, observa-se uma certa unidade no tratamento crítico dos escritores brasileiros. No entanto, Schlichthorst entende que a independência poética deve ser conservada tanto quanto a política e, para isso, os brasileiros necessitam realizar "um vôo mais original"(19), criando uma literatura apoiada nos motivos de sua nação. Entre esses, três despertam sua atenção: a natureza, as tradições dos povos vencidos e principalmente toda a história do Descobrimento e Colonização deste país. A sugestão tem sua razão: o romance histórico constitui, no momento, uma experiência renovadora da literatura, estando os românticos empenhados em sua elaboração.

CONCLUSÕES

O rastreamento dos escritos dos primeiros estudiosos no que diz respeito à produção literária do Brasil tem por objetivo constatar até que ponto a questão de uma literatura brasileira já constitui objeto de suas reflexões.

Expostos nos anos inaugurais do século XIX e estendendo-se até o período imediatamente pós-independência, tais estudos repousam sob um lastro comum: todos eles são elaborados por europeus. Abordando a literatura européia, principalmente a portuguesa, acabam os analistas por alcançar a colônia ultramarina, ao resgatar para a literatura da metrópole a produção de seus colonizados. Nesse caso, enquadram-se as obras de Bouterwek e Sismondi que, sem deixar o Velho Continente, atingem o Brasil através da literatura portuguesa. Em outro caso situam-se os viajantes que, integrando-se a expedições, exploram o continente novo, dele recolhendo material para seus escritos. Schlichthorst, em viagem de duração e finalidade diversa da de outros estrangeiros (por exemplo, Ferdinand Denis), volta à Europa e lá escreve sobre a produção literária do país visitado.

Separados geograficamente e distanciados pelas visões particulares de cada um, seus estudos refletem esse distanciamento. Enquanto Bouterwek e Sismondi tratam da realização poética dos autores do

Brasil, colocando-a no bojo do acervo literário, qual seja, o português, Schlichthorst estimula uma posição emancipatória, apontando rumos e sugestões para uma prática literária autônoma e original.

Essas atitudes só podem ser compreendidas quando se relaciona o pensamento dos críticos a duas situações de natureza distinta: ao momento político em que os textos são elaborados e ao padrão estético ao qual estão vinculados.

Sob esse enfoque, é compreensível a visão de Bouterwek e Sismondi de considerar as obras dos autores do Brasil submissas ao patrimônio português. Escrevendo na fase anterior à independência política, quando a situação colonial é uma realidade, esses historiadores só poderiam tratar das manifestações coloniais aglutinadas ao sistema literário da metrópole. Para eles, a dependência política expressa uma subordinação cultural, razão pela qual não se referem ao processo literário do Brasil: como o país não constituía uma entidade autônoma politicamente, não registraria uma literatura independente.

Se as histórias literárias de Bouterwek e Sismondi não contribuem para a afirmação da existência da literatura brasileira, importam por outros motivos: pela comprovação de autores e obras no espaço colonial português da América, cuja representatividade é capaz de valorizar o acervo metropolitano; pela divulgação dessas informações junto às nações européias: traduzidos e lidos em outras línguas, seus estudos despertam a atenção para o tratamento da literatura portuguesa, incluindo nela autores de procedência diversa; pela abertura de um caminho para a escrita da futura história literária da nação lusitana: segundo Teófilo Braga, o professor de Goettingen escrevera seus trabalhos "numa época que em Portugal se ignorava todo o (...) passado literário"⁽²⁰⁾. Nos anos posteriores, Garrett demonstraria a sua leitura da obra de Bouterwek, ao escrever sua história literária para corrigir os erros cometidos pelo alemão.

Nesse sentido, se a entrada dos literatos naturais do Brasil no panorama da literatura ocidental é oportunizada pelos críticos estrangeiros que, ao recolherem o acervo das nações européias, incluem a produção de escritores de suas colônias, não se pode desconsiderar que o registro reforça a subordinação política. Os escritores da possessão portuguesa são nomeados porque valorizam a história da literatura metropolitana; a forma de inclusão de seus nomes é sintomá-

tica das relações: em apêndices ou anexos de obras maiores fala-se em literatos nascidos no Brasil.

O problema encaminha para uma discussão onde estão em jogo as relações de poder. Enquanto prolongamentos ou expansões do conjunto português, os autores valorizados são aqueles que consubstanciam as aspirações estéticas vigentes na Europa. Friedrich Bouterwek e Simonde de Sismondi, pioneiros no levantamento dos poetas da colônia ultramarina, destacam as obras do Judeu, por suas peças de caráter cômico, de agrado do público lisboeta, e os poemas de Cláudio Manuel da Costa, nos quais comprova sua vinculação às formulações poéticas clássicas, sob o exemplo dos poetas italianos. A cor local brasileira, notada por Sismondi nas composições do poeta mineiro, é tão-somente um elemento exótico a ser ressaltado pela crítica européia.

A alteração no juízo de valor das composições dos poetas coloniais será concomitante à mudança na situação política do Brasil, provocada pela confirmação da Independência. Os autores estrangeiros que escrevem nos anos posteriores à separação de Portugal enfocam a questão da produção literária de modo distinto ao de seus antecessores.

A independência política estimula a liberdade literária e apresenta-se como o elemento reforçador do traço separatista entre as duas nações. Politicamente separada, a nação pode encontrar seu equivalente no plano literário, a fim de ratificar a divisão alcançada. Nesse caso, aos literatos impõe-se uma missão tão importante quanto aquela estabelecida pelos políticos para livrar o país da condição colonial: trata-se de representar um espaço geograficamente delimitado, a fim de dar conta das peculiaridades de uma determinada organização social, caracterizada por sua unidade de costumes, língua, população, história. Essas qualidades individualizam o país e o particularizam em relação a outros. Logo, transferidas ao texto, comprovam o grau de nacionalidade da obra e permitem o reconhecimento do escritor brasileiro.

NOTAS

1 — Para o presente trabalho, utilizou-se o texto "História da poesia e eloquência portuguesa", de Friedrich Bouterwek, na tradução de Walter Koch e constante

- em: CESAR, Guilhermino. *Bouterwek* — os brasileiros, na *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit*. Porto Alegre, Lima, 1968. p. 29-42.
- 2 — O texto de Simonde de Sismondi, utilizado neste trabalho, encontra-se em: CESAR, Guilhermino. *Simonde de Sismondi e a literatura brasileira*. Porto Alegre, Lima, 1968.
- 3 — Para este trabalho, utilizou-se a edição brasileira preparada por Guilhermino Cesar, cuja referência é a seguinte: DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária do Brasil*. Porto Alegre, Lima, 1968.
- 4 — GARRETT, Almeida. *Parnaso lusitano* ou poesias seletas dos autores portugueses antigos e modernos, ilustrados com notas. Precedido de uma história da língua e poesia portuguesa. Paris, J.P. Aillaud, 1826.
- 5 — BOUTERWEK, Friedrich. Op. cit. nota n. 1. p. 31.
- 6 — Id. *ibid.* p. 33.
- 7 — Id. *ibid.* p. 36.
- 8 — Id. *ibid.* p. 37.
- 9 — Id. *ibid.* p. 38-9.
- 10 — Id. *ibid.* p. 39.
- 11 — SISMONDI, Simonde de. Op. cit. nota n.2 p.33.
- 12 — Id. *ibid.* p. 33.
- 13 — Id. *ibid.* p. 36.
- 14 — Id. *ibid.* p. 41.
- 15 — Id. *ibid.* p. 42.
- 16 — Segundo Wilson Martins, Sismondi registra o tributo em *Littératures*. IV, p. 507, fato também anotado por T. Ross, na introdução do mesmo livro em tradução inglesa. V. MARTINS, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983. v.1. p. 83-4.
- 17 — Para este trabalho, foi utilizada a edição brasileira, conforme a tradução de Emmy Dodt e Gustavo Barroso, cuja referência é a seguinte: SCHLICHTHORST, C. *O Rio de Janeiro como é* (Uma vez e nunca mais). Rio de Janeiro, Getúlio Costa, (1943).
- 18 — Id. *ibid.* p. 169.
- 19 — Id. *ibid.* p. 157.
- 20 — BRAGA, Teófilo. *Manual da história literária portuguesa*. Porto, Liv. Universal, 1875. p. 453.